

Abordagens Linguísticas Contemporâneas: novas lentes, novos objetos

Arabie Bezri Hermont*

Ev'Ângela Batista Rodrigues de Barros**

A edição 44 dos *Cadernos CESPUC de Pesquisa – Série Ensaios* visa a abarcar estudos linguísticos envolvendo construtos teóricos da Gramática Gerativa, da Gramática Funcional, da Linguística Cognitiva e de quadros que versem sobre as múltiplas dimensões do epifenômeno que é a língua(gem). Nessa perspectiva, acolheu tanto trabalhos que investigam aspectos do micro – a constituição sintagmática e paradigmática dos enunciados –, quanto do macro – no que tange ao discurso, suas formas de produção, recepção e circulação nas diversas esferas sociais.

A Teoria Gerativa parece ter sido o primeiro construto teórico a proceder aos estudos da linguagem sob a ótica mentalista. Chomsky é o precursor de tal teoria e foi o responsável pela mudança de paradigmas em meados da década de 1950. Tendo como ponto de partida a concepção da relação entre competência e desempenho, princípios e parâmetros, a Gramática Gerativa, Teoria Gerativa ou Teoria Gerativista inicia uma era nos estudos que tratam da relação entre Gramática e Cognição.

A Teoria Gerativa descreve e explica a gramática como uma parte do sistema cognitivo do homem, pressupõe também que, além de modular, o conhecimento da linguagem seja inconsciente e inato. Haveria pelo menos dois tipos de modularidade de acordo com essa concepção: a modularidade mental e a modularidade gramatical. A primeira está relacionada aos vários sistemas cognitivos que constituem a mente e que seriam separados em módulos, embora haja a assunção de que os *outputs* de cada módulo servem de *input* para outro módulo. Assim, a gramática de uma língua seria um módulo mental, ou seja, a modularidade da gramática estaria ligada a

* Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). Doutora em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Docente do Programa de Pós-graduação em Letras e dos departamentos de Letras e Pedagogia da PUC Minas. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2551-6145>.

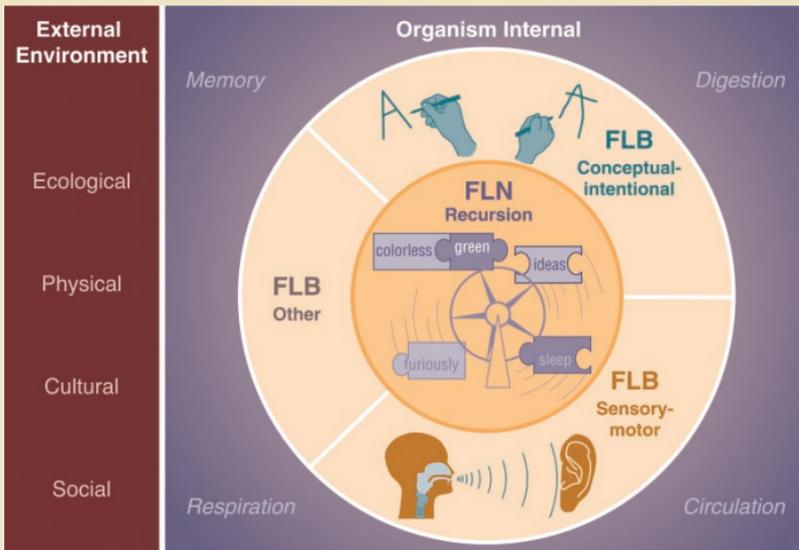
** Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). Pós-doutora em Estudos do Texto e do Discurso (UFMG). Doutora em Estudos Linguísticos (UFMG). Docente do Programa de pós-graduação e do Departamento de Letras da PUC Minas. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8094-2329>.

uma noção de que a gramática mental também seria dividida em vários módulos. O que ocorre dentro de cada módulo não é acessível a outro devido a um possível encapsulamento informacional. Entretanto, o *input* de um determinado módulo pode ser a informação resultante da atuação de um outro.

Em 2002, Hauser, Chomsky e Fitch escreveram o texto “A Faculdade da Linguagem: o que é, quem tem e como evoluiu?” com o objetivo de compreender melhor a faculdade da linguagem e, para tal, promoveram uma reflexão permeada de cooperação interdisciplinar, envolvendo a Biologia Evolutiva, a Antropologia, a Psicologia e a Neurociência. Nesse texto, os autores, realizam a distinção entre a faculdade de língua no sentido amplo (do inglês, *Faculty of language in a broad sense* – FLB) e no sentido restrito (*Faculty of language in a narrow sense* – FLN). A primeira englobaria o sistema sensório-motor, sistema conceptual-intensional e sistema computacional com mecanismos de recursão, fornecendo a capacidade de gerar uma gama infinita de expressões de um conjunto finito de elementos. Já a segunda, a FLN, incluiria apenas a recursividade e seria o único componente exclusivamente humano da faculdade da linguagem. Segundo os autores, pode ter evoluído por outras razões que não a linguagem.

A seguir, apresenta-se o diagrama proposto pelos autores:

Figura 1



Fonte: Hauser, Chomsky & Fitch (2002, p. 1570).

Veja-se que FLN é caracterizada pela recursão e está em interface com FLB conceptual-intensional, FLB sensorio-motor e FLB outra (sendo essa uma novidade em 2002). Segundo os autores, que estão preocupados com a evolução da linguagem, é importante distinguir entre questões relativas à linguagem como um sistema de comunicação e questões relativas às computações subjacentes a este sistema. As computações são diferentes do primeiro sistema porque este faz interface entre os sistemas de interface sensorio-motor e conceptual-intensional. Hauser, Chomsky & Fitch assinalam ainda que é possível que as capacidades computacionais tenham se desenvolvido por razões outras que não a comunicação, mas, que depois que elas provaram ter utilidade para essa atividade, foram alteradas em função de restrições impostas em ambas as interfaces e em outros níveis mais centrais (estruturas cognitivas e conceituais, pragmáticas, limitação de memória).

A evolução de cada grande abordagem teórica traz, em seu bojo, tanto a possibilidade do endosso e da (re)afirmação por novas pesquisas, quanto a do dissenso e da contestação; em seu desenvolvimento – alterar-se para se manter sólida –, as abordagens formalistas (Estruturalismo e Gerativismo) viram-se em xeque por meio de dissidências teóricas, alguns bem do seu interior, que deram origem a novas formas de analisar os fenômenos linguísticos.

Segundo Cunha (2009), um texto antigerativista do linguista norte-americano Talmy Givón, “From Discourse to Syntax” (1979), tornou-se um marco na defesa da dependência da sintaxe em relação ao discurso. Em trabalhos posteriores, ele e outros estudiosos passaram a buscar parâmetros substantivos, motivados comunicativa ou cognitivamente, para explicação dos fatos gramaticais.

Assim se originaram análises diversas, nomeadas como “funcionalistas”, ramificadas em diferentes vertentes – funcionalismo europeu, funcionalismo norte-americano, abordagens lexicalistas, entre outras. Em comum, há o fato de considerarem a linguagem como um conjunto complexo de atividades comunicativas, sociais e cognitivas, ou seja, integradas ao resto da psicologia humana. Aqui trataremos dessas vertentes funcionalistas de forma mais genérica, embora cada um de seus desdobramentos traga importantes concepções, formas de representação da

linguagem humana e apresente contribuições relevantes para a compreensão do fenômeno linguístico.

No Funcionalismo, postulou-se uma visão distinta sobre o papel e funcionamento das unidades linguísticas (por exemplo, o papel dos fonemas – segmentais e suprasegmentais, na distinção e demarcação das palavras, na Fonologia; do papel das sentenças no contexto, na Sintaxe), em decorrência de dissensos no bojo do Estruturalismo. O Círculo Linguístico (ou Escola) de Praga (que agregava importantes pensadores, como o linguista russo Roman Jakobson, o tcheco Villem Mathesius, entre outros de renome), a partir da crítica ao caráter demasiadamente abstrato e estático da análise saussuriana, propõe uma nova visão, mais dialética, de dicotomias como sincronia/diacronia, língua/fala, contrapondo-se à noção de homogeneidade do sistema linguístico.

Uma premissa importante das diversas visões funcionalistas é a de que a língua desempenha funções que são externas ao sistema linguístico em si; essas funções externas influenciam a organização interna do sistema linguístico. Assim, passa-se a analisar a língua(gem) sob a ótica da interação social, a relação língua/sociedade, jogando luzes sobre o caráter multifuncional da linguagem (ressaltando a importância das funções expressiva e conotativa) e da motivação para os (f)atos reais da língua – por que se usa tal forma/ tal variante e não outra?

Para Mathesius (1923 apud Cunha, 2009, p.159), numa concepção funcional de sentença, é preciso deter-se na análise desta focalizando o modo como a informação é transmitida pela organização das palavras. A organização sintática é motivada pelo contexto discursivo em que esta ocorre, assim, embora duas estruturas com ordenação sintagmática distinta pareçam semanticamente equivalentes, há uma diferença pragmática em relação ao status informacional dos elementos constitutivos, considerando a relação entre o que já é conhecido (predizível) e o que é novo (imprevisto). Análises como essas visam a explicar o contraste entre sentenças sintaticamente distintas relativas a um mesmo estado de coisas, como ocorre na topicalização de constituintes, em que se verifica um foco contrastivo – “Eu não uso esse perfume” / “Esse perfume eu não uso”. Posteriormente, essa proposta foi desenvolvida pelo linguista britânico Michael Halliday (1985), criador da “Linguística Sistêmico-Funcional”, em que rejeitava tanto as premissas gerativistas, quanto estruturalistas.

Para ele, a língua precisa ser vista como um sistema sociosemiótico, em que se apresentam aos falantes várias possibilidades de escolha de significados, os quais são organizados em termos de três metafunções, isto é, funções intrínsecas, organizadoras do próprio sistema linguístico: ideacional, interpessoal e textual. A primeira refere-se à construção e articulação de experiências; a segunda trata da encenação de relações entre os interlocutores, numa cena comunicativa; a terceira engloba os mecanismos que permitem que os significados ideacionais e interpessoais sejam apresentados como um fluxo textual coeso. Essas três metafunções estão associadas a diferentes sistemas em cada um dos estratos semióticos (fonológico, léxico-gramatical e semântico), além de estarem atreladas a parâmetros contextuais específicos: campo (ideacional), relações (interpessoal) e modo (textual).

Em síntese, diferentemente do Estruturalismo (foco na fonologia e morfologia), do Gerativismo (foco na sintaxe), as diversas abordagens funcionalistas respaldaram-se firmemente na semântica e pragmática, buscando analisar a construção de efeitos de sentidos a partir das diferentes estruturações sintagmáticas / sentenciais.

Não apenas os dissensos internos ao Gerativismo deram origem às diversas abordagens funcionalistas, mas também essa ruptura abriu caminho ao surgimento de uma perspectiva teórica de grande relevância: a Linguística Cognitiva. Nessa perspectiva, grandes linguistas – George Lakoff, Charles Fillmore, Leonard Talmy, Gilles Fauconnier e Mark Turner – assumem que a competência de um falante se relaciona ao funcionamento de uma variada quantidade de símbolos linguísticos e esquemas construcionais, organizando tipos distintos de abstração e especificidades. Para esses autores, a competência linguística seria uma capacidade do ser humano não somente circunscrita à linguagem, mas também constitutiva de um aparato cognitivo de caráter mais geral.

A partir da aproximação de grupos de pesquisadores europeus e norte-americanos, vêm sendo desenvolvidos inúmeros trabalhos numa visão cognitivo-funcional, na qual o contexto tem importância crucial para a apreensão/compreensão dos significados. Nas palavras de Neves e Coneglian (2018), essa abordagem traz:

Um encaminhamento dos estudos gramaticais atuais que têm por objetivo explicitar a maneira como a língua é usada consiste em prover explicações coerentes e válidas para as categorias linguísticas a partir do que se conhece sobre a relação entre cognição e linguagem, a partir de uma investigação do uso sistêmico de estruturas linguísticas na construção do significado e na comunicação eficiente. Tal tarefa é coerente com as mais gerais assunções funcionalistas de que a gramática de uma língua organiza as relações (sintaxe), constrói as significações (semântica) e determina os efeitos pragmáticos (pragmática) (NEVES, 2006, p.1). Por meio da consideração desses três componentes da língua, em interface, é possível explicar a gramática dentro de um modelo que privilegia o uso e, por aí, explicar a organização do conhecimento linguístico dos falantes (CROFT, 2001, p.28), modo de condução que coloca as categorias e as relações gramaticais como relevantes para explicitação da estrutura das categorias conceptuais. (Neves; Coneglian, 2018, p.10)

A visão panorâmica dos estudos linguísticos contemporâneos que trouxemos visa ajudar a perceber quão rico e complexo é o cenário dos estudos da lingua(gem) nas últimas décadas. Assim, este volume de Cadernos CESPUC de Pesquisa – Série Ensaio traz, em si, uma amostragem da variedade de temas e lupas com que se pode investigar essa mesma riqueza e complexidade.

Nesta edição, contamos com dois textos escritos à luz do gerativismo. O primeiro denominado “10 ovos caipira vermelhos’: *silent nouns* na concordância nominal do PB” de Bruna Karla Pereira, e o segundo de Adriana Leitão Martins, Arthur Döhler Machado Fernandes e Carla Cristina de Souza Abrahão da Silva, com o texto “Realizações Adverbiais de Perfect Universal no Inglês Estadunidense”.

Bruna Karla Pereira faz uma análise da concordância nominal no Português do Brasil (PB), em estruturas como “ovos caipira”, “10 ovos caipira vermelhos” e “10 ovos tipo jumbo brancos”. Observando rótulos e propagandas, pergunta-se o motivo pelo qual há marcação de plural em todas as palavras ‘ovos’, ‘vermelhos’ e brancos’, mas não em ‘caipira’. À luz da teoria gerativa, considerando autores relevantes da área, como Kayne (2005) e outros, propõe que haja nomes nulos, tais como AMOUNT, HOUR, SET e SOMETHING entre ‘ovos’ e o adjetivo cor. Assim, caipira estaria concordando com TIPO e a concordância estaria, portanto, mantida.

Noções aspectuais têm sido bastante pesquisadas nos últimos tempos. Diversos são os autores que têm se preocupado com esse tema, e Adriana Leitão Martins, Arthur Döhler Machado Fernandes e Carla Cristina de Souza Abrahão da Silva são alguns deles. Com o texto “Realizações Adverbiais de Perfect Universal no Inglês Estadunidense”, os autores dissertam sobre o perfect, que, quando associado ao tempo presente, indica uma situação iniciada em algum momento do passado que perdura até o presente. Os autores fazem isso investigando o papel veiculado por advérbios (como “still”, “lately”, etc.), por expressões adverbiais iniciadas por “for”, “since”, “to” e “until/till” e por expressões adverbiais que indicam um intervalo de tempo entre o passado e o presente (como “this year” e “this month”). Observando a produção eliciada de 92 voluntários, geograficamente distribuídos por todo os EUA, com diferentes níveis de escolaridade, verificaram que as sentenças veiculadoras desse aspecto são constituídas por expressões adverbiais iniciadas por “since” (288), “from” (23), “for” (11) e “till/to” (3) e pelo advérbio “still” (12). Ainda, identificaram que todas as expressões adverbiais iniciadas por “from” eram constituídas por uma estrutura como “from X time to X time”, o que levou os autores a destacar que tais expressões marcam mais claramente simultaneamente as fronteiras à esquerda e à direita do intervalo de tempo de perfect.

De forma bem inspiradora e didática, no texto de Sandra Maria Cavalcante Silva, “Por uma abordagem cognitiva da linguagem humana”, há um convite ao leitor para uma reflexão acerca da relação da linguagem humana e cognição. Para isso, são apresentadas diferentes perspectivas para os estudos da linguagem, demonstrando uma concepção corporificada e situada, contextualizada, dialógica de cognição. A autora assinala que os estudos que tangenciam esse tema devem ser de natureza multifacetada e pluridimensional. Com base nesses pressupostos, endossando pressupostos de Lakoff e Johnson (1999); Sinha (1999); Donald (1999); Morin (1999, 2004); Geeraerts (2006) e Tomasello (2003, 2008), Silva propõe uma redefinição do fenômeno da intertextualidade.

Na sequência, o artigo “A fala infantil sob a perspectiva da Linguística Cognitiva: *uma investigação sobre a produtividade dos conceitos de recursividade e mesclagem na compreensão dos fenômenos linguísticos em crianças*”, de Mariana Almeida Paes Leme, apresenta uma pesquisa que, embasada por vertentes da Linguística Cognitiva, em especial, da Gramática

de Construções, bem como de reflexões advindas das teorias do Dialogismo e da Análise de Discurso, procurou compreender a produtividade na fala de crianças em fase de aquisição de linguagem. A autora teve seu olhar para os fenômenos da recursividade e da mesclagem e usou como *corpus* algumas ‘falas infantis’ retiradas da página “Frases de Crianças”. Assim, procedeu à análise da complexidade cognitiva e linguístico-social dos fenômenos linguísticos apresentados por elas. O estudo buscou, então, identificar como a observância da atuação de princípios cognitivos gerais manifestados linguisticamente, bem como de outras capacidades cognitivas – como a memória e a recursão – são campo frutífero à análise de ocorrências linguísticas em crianças.

Em diálogo com o precedente e com as teorias Gerativa e Gramática de Construções, o artigo “mãenarquia, demãecracia? A criatividade lexical em falas espontâneas de crianças”, de Mariana Queiroga Gomes e Arabie Bezri Hermont, apresenta análises de neologismos criados por crianças à luz da morfologia sob o escopo dessas duas abordagens cognitivistas. O objetivo é explicar as várias formações de palavras em uma abordagem lexicalista (Gerativa) da formação de palavras e de acordo com as proposições da Linguística Cognitiva para a abordagem das construções lexicais. O estudo mostrou que as crianças, ao criarem novas palavras, valem-se da estrutura morfológica de palavras já institucionalizadas e utilizam de recursos tais como o cruzamento vocabular e o hibridismo.

No ensaio seguinte, Izabel Luiz Santos Colling e Márcio Leonardo Lima Pereira discutem a “Gramaticalização e discursivização da partícula ‘aí’ sob a lupa da Teoria Funcionalista”. Destacando o olhar caro ao Funcionalismo de explicar as regularidades observadas no uso interativo da língua, situação discursiva que promove alterações no âmbito lexical e gramatical da língua, os autores discorrem sobre o processo de gramaticalização da partícula “aí”, vista como advérbio de lugar (numa visão sistêmica e tradicional de língua), mas que assume, cada vez mais, o papel de um articulador textual, uma função gramatical. Mobilizando os conceitos de gramaticalização e discursivização (Cunha et al., 2001, 2003, 2011, 2013, 2016), bem como conceitos da Teoria Funcionalista trabalhados por Martelotta (1996, 2011) tomam como corpus de análise um fragmento do episódio #251 do Podcast “Pod Delas”. Os autores refletem que o emprego desta partícula, na sincronia atual, pode ser visto como um

processo de discursivização (Martelotta, 1996, 2011), tendo em vista que a trajetória deste processo ocorre do léxico para o discurso via gramática e, então, o termo assume função de marcador discursivo.

No trabalho “Um ensaio sobre o conto *Rolézim*, de Giovani Martins, à luz do funcionalismo”, Leandro Martins de Souza analisa o uso do Português Brasileiro (PB) no conto *Rolézim*, do livro “O sol na cabeça”, escrito por Geovani Martins. O autor justifica seu interesse em verificar alguns aspectos de adequação da língua, em especial do vernáculo brasileiro, a fim de se observar, de fato, seu funcionamento. Fundamentando-se em Cunha (2011) e Martelotta (2022), explora recortes do conto e aponta características típicas do processo de gramaticalização, relacionando-as a princípios e categorias centrais da corrente funcionalista, como marcação, informatividade, iconicidade, transitividade e plano discursivo. Conclui que este conto mostra como a estrutura gramatical se adapta às necessidades comunicativas de um grupo específico.

No artigo “Estratégias e usos do pronome indefinido *todes* em *tweets*: um diálogo entre a linguística cognitivo-funcional e a teoria *queer*”, Tiago Ruas Dieguez discute um tema relevante e atual: trata da utilização de pronomes considerados não binários, nas mais diversas línguas, que tem mostrado uma “polarização em que se enfrentam defensores e ativistas, de um lado, e críticos e censores, de outro, num debate em que a língua revela sua conexão permanente com os indivíduos, a sociedade e a cultura”. Considerando que estratégias de neutralização de gênero visam a desconstruir um modelo heteronormativo subjacente à língua, por meio de alguma forma de transgressão, Dieguez se propõe a analisar, através da perspectiva da Linguística Cognitivo-Funcional (LC) e com o aporte da teoria *queer*, as ocorrências do pronome pessoal *todes* no PB, mapeando suas características num *corpus* de 100 *tweets*. Toma como categorias de análise conceitos de neutralização de gênero e visibilidade de gênero não binário. Conclui que a utilização do pronome *todes*, revela “estratégias de desgenerificação ou neutralização de gênero, em que a forma não binária ocupa a posição tradicionalmente reservada ao pronome masculino considerado genérico”. Ainda, tal uso mostra-se pertinente para evidenciar identidades de gênero social não binárias, da mesma maneira que se utilizam as formas *todos* e *todas*.

Fechando o volume, no artigo “A revisão textual em tempos de ChatGPT”, as autoras Ev’Ângela Batista Rodrigues de Barros e Sara Izabela Alves Pereira expõem os resultados da pesquisa que avaliou a capacidade do ChatGPT em revisar textos, não apenas em identificar e corrigir erros gramaticais, mas de perceber aspectos mais amplos referentes à esfera discursiva a que se integravam os exemplares em foco. Em pesquisa exploratória, bibliográfica e qualitativa (Gil, 2017), foram apresentadas ao algoritmo três textos autênticos, com desvios de naturezas diversas (genéricas, gramaticais e discursivas), para que fossem, na sequência revisados, corrigidos, aprimorados e avaliados. À luz de uma abordagem interacionista e sociodiscursiva (Volóchinov, 2017; Sobral e Barbosa, 2019; Rodrigues, 2015; Salgado, 2013), foi discutida a capacidade do ChatGPT de realizar a contento tais comandos. Este apresentou habilidades notáveis na intervenção e aprimoramento de textos, porém não está isento de erros. O ChatGPT pode ser uma ferramenta útil para aprimorar a revisão textual, mas sua atuação não é capaz de substituir o fazer humano no que tange a considerar o estilo e a intenção do autor, bem como a natureza do discurso em questão.

Como se vê, este volume é de grande riqueza temática e teórica, valendo a leitura pontual de algum(-uns) dos ensaios ou do seu conjunto, como forma de acessar tópicos caros aos estudos linguísticos contemporâneos.

Referências

CUNHA, Angelica F. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, Mário E. *Manual de Linguística*. São Paulo: Contexto. 2009. p.175-176.

HAUSER, Marc D.; CHOMSKY, Noam; FITCH, W. Tecumseh. The Faculty of Language: What is it, Who has it, and How did it evolve?. *SCIENCE*, New York, v. 298, p. 1569-1579, Nov. 2002.

NEVES, Maria Helena de Moura; CONEGLIAN, André Vinícius Lopes. O estatuto categorial dos subordinadores adverbiais complexos numa visão cognitivo-funcional da linguagem. *Entrepalavras*, Fortaleza, v. 8, n. esp., p. 09-27, set. 2018.